

Do Ofício do Editor ou Onze obras em busca da metaedição

Gutemberg Medeiros

UEL

Un editor debe buscar siempre las partes ocultas de la actividad cultural y artística. Nunca las que estallan, que están gratificadas por un consenso masivo. Eso ya está ahí. Debes buscar, por el contrario, lo oculto y sacarlo a la luz.

Giulio Einaudi

Resumo: Este ensaio traz elementos de minha pesquisa de pós-doutorado onde abordo a obra de Mario Muchnik, editor argentino radicado na Espanha, que tece crítica às amplas mudanças no mercado editorial internacional ao implantar oligopólios em sério prejuízo do ofício do editor. Ainda desenvolvo sobre a presença de Jerusa Pires Ferreira como dialogante e primeira supervisora deste trabalho dedicado à metaedição.

Palavras-chave: História da Edição e do Livro, Mario Muchnik, Jerusa Pires Ferreira, metaedição.

Abstract: This essay brings elements of my post-doctoral research where I approach the work of the Argentine editor Mario Muchnik living in Spain when he criticizes the wide changes in the international publishing market by implanting oligopolies to the serious detriment of the editor's job. It also addresses the presence of Jerusa Pires Ferreira as a dialogue and first supervisor of this work dedicated to the meta-edition.

Keywords: History of Edition and Book, Mario Muchnik, Jerusa Pires Ferreira, meta-edition.

O fato de ser um leitor militante norteou a minha trajetória, desde o prazer da descoberta das mais variadas formas de expressão pelos textos verbal e não verbal, na atuação como jornalista profissional e pesquisador até meu trabalho de pós-doutorado finalizado em 2002 na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

onde o livro e o fazer do mesmo me moveram. Aqui vou expor elementos desta minha pesquisa que teve uma primeira supervisora, dialogante e amiga das mais importantes, Jerusa Pires Ferreira.

Um dos conceitos gerados pela civilização helênica e que perpassa a história do pensamento até os nossos dias é o de experiência, apresentando variações conforme o tempo e o lugar. Lastrado no radical “peri” em grego antigo, que significa área, espaço físico. Dedicar-se à tradicional viagem de aprendizado – que também percorreu as eras. Quando um cidadão, apenas homem e livre, completava a sua formação realizava uma viagem para outra cultura e lugar para solidificar seus conhecimentos sobre o outro, o diverso, e voltar para a sua cidade-estado e trazer novas perspectivas para colaborar com os debates públicos sobre os rumos de sua comunidade. Ou seja, a realização desta viagem é a experiência, onde acontece um alastramento do olhar e de profundo senso cognitivo. A realização da experiência, o deslocamento e alastramento de sua visão de mundo, pode dar-se física ou mentalmente. Tal viagem pode ser realizada, entre outros, pelo objeto livro.

O livro é um meio para alcançar conhecimentos e alastramentos de olhar inclusive para chegar a pessoas. Quem é leitor, certamente conheceu outros leitores e forma uma comunidade de relações baseadas no códice. O mesmo aconteceu comigo. Por exemplo, me levou a privar da amizade da escritora Hilda Hilst e de um determinado casal, Jerusa Pires Ferreira e Boris Schnaiderman. Como leitor, comecei a ler e buscar trabalhos de Boris desde os catorzeanos de idade procurava a sua produção em jornais diários e demais publicações para maior compreensão de cultura e literatura russa. Até que, em 2002, pautei matéria sobre o projeto de editar a obra literária de Dostoiévski capitaneado por Boris e Paulo Bezerra e fui entrevistar o fundador do Curso de Russo da USP.

Além do projeto em questão, aproveitei a oportunidade para traçar uma linha de tempo englobando tanto a trajetória de Boris e a presença editorial da literatura russa no país ao longo do século XX¹⁵. Pois ele teria conhecido vários editores e tradutores e meandros desta trajetória. Para tanto, levei parte de minha biblioteca composta por exemplares publicados desde a primeira década do século passado para perguntar sobre cada produção. Boris logo ficou entusiasmado ao rever obras que há muito não punha os olhos. Em determinado momento, a mesa estava com vários volumes, ele chamou Jerusa e ela logo perguntou de quem era aquele material e ficou interessada em mim.

¹⁵Esta e mais duas entrevistas com Boris foi editada em formato ping-pong na *Revista USP*, em 2007, e pode ser acessada em <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13624>

Os livros me levaram a Boris e ambos passaram a se interessar por mim através deles, o que redundou numa convivência e diálogo de anos. Após o meu doutorado em jornalismo na ECA, decidi dedicar a minha pesquisa para a história da edição e do livro, a partir da vasta produção de editor argentino Mario Muchnik (1931-2022) radicado em Barcelona, Espanha, desde 1975, ao dedicar ao todo dez obras entre os anos 1990 e 2000 exclusivamente a tramar uma crítica sobre as bruscas mudanças do mundo editorial no mundo, no qual ele mesmo foi engolfado, ou seja, metaedição.



Legenda: Muchnik também foi fotógrafo, especialmente de autores por ele publicados

Quando o leitor entra numa livraria física ou virtual, dificilmente tem noção do movimento corporativo que afeta o mercado editorial há anos. Por volta do final da década de 1980, solidificou-se a transição da primazia economicista, momento em que se estabelece no mundo dos livros fusões entre editoras diferentes ou até mesmo incorporações em grandes operações financeiras. Este processo de oligopólios no segmento teve início nos EUA, em 1960 e tomou a Europa nos anos seguintes, aportando no Brasil em 1980 com a compra da Editora Civilização Brasileira pela portuguesa Bertrand.

Uma das várias consequências foi a de finalizar aos poucos a figura do editor nas grandes e médias editoras e a entrada do profissional de marketing, como há anos apontava Mário Muchnik. Um dos últimos remanescentes dessa tradição que antes era a tônica de todas as casas publicadoras e há anos se restringe a pequenas e médias editoras independentes.

A orientação das pequenas e médias editoras para as parcelas de mercado deixadas a descoberto pelas grandes empresas, devido à sua baixa rentabilidade, é seu grande valor cultural e sua marca mais conhecida. A edição independente é a que costuma publicar novos escritores (principalmente jovens e locais); gêneros “menores” como poesia, contos, teatro e ensaios; obras fora de circulação; estéticas extremas, residuais e resistentes, em primeira instância, que posteriormente – se repercutem no campo – são reproduzidas nos grandes conglomerados. A rigor, esses selos veiculam as vozes mais novadoras, controversas e até marginais e criativas. Tal postura que subsiste à margem do mercado editorial garante a chamada bibliodiversidade ao arriscar-se a publicar obras que se inspiram em áreas não homogeneizadas do conhecimento cultural e quando produzem livros que apresentam uma grande variedade de pontos de vista e posições a gerar conhecimento, ou seja, *epistemé* (GALLEGO CUIÑAS, 2022, 32). Em suma, os editores independentes exercem o papel da antiga ordem editorial como expressa na epígrafe deste ensaio com a declaração de um dos maiores editores europeus do século passado, Giulio Einaudi.

A produção de Mário Muchnik articula uma crítica a estes movimentos de oligopólios do mercado editorial ao se formalizarem sob uma editora mãe coordenando o trabalho de outras chancelas para o grupo dominar os mais diferentes segmentos de mercado. Tal movimento se insere na dinâmica da chamada globalização, nos mais variados tipos de empresas, buscando homogeneização de mercadorias. E no caso da produção intelectual, uma verdadeira ordem unida que visa exclusivamente a relação entre custo e benefício benéfica a curto prazo.

A sua produção é lastreada na memória do que foi o mercado editorial para realizar dinâmica do que se tornou e as suas perdas com os oligopólios. Como arquitetura de tijolo aparente, o editor traz ao leitor com quem ele aprendeu este ofício e seus valores principais que se diluíram na era de megafusões.

Muchnik não é uma voz isolada. Ao longo da pesquisa, mapeei momentos dessa tradição em autobiografias ou coletâneas de ensaios memorialísticos de europeus e norte-americanos como fenômeno especialmente materializado ao longo do século passado. A exemplo de Haven Putnam (*Memories of a Publisher*), Stanley Unwin (*The Truth about a Publisher*), Alfred Knopf (*Reminiscences and Reflections*); Kurt Wolff (*Memórias de um Editor*), Carlos Barral (*Los Diarios 1957 - 1989*; e *Memorias*); Giulio Einaudi

(*Frammentidi memoria*), Roberto Calasso (*L'impronta dell'editore*), Jorge Herralde (*El Observatorio Editorial*; e *Un Día en la Vida de un Editor*), Robert Laffond (*Éditeur*) e Siegfried Unseld (*O Autor e seu Editor*). Geralmente, esta tradição se materializa em uma única obra de maturidade onde o editor fala de seu ofício sob os mais diversos aspectos, como detalhes dos vários momentos históricos e políticos a determinarem dificuldades para semelhante ofício, se mostrando como material primário precioso para os mais distintos campos de conhecimento.

Porém, Muchnik tanto se insere quanto subverte esta tradição ao não se restringir a apenas uma ou duas publicações, mas oito de sua lavra em ordem cronológica: *Banco de Pruebas: Memorias de Trabajo 1949-1999* (Taller de Mario Muchnik, 2000); *Lo Peor no Son los Autores* (1999), *Nuevas Normas de Estilos* (Taller de Mario Muchnik 2000; e reedição em 2006); *Léxico Editorial: Para Uso de Quienes Todavía Creen en la Edición Cultural* (Taller de Mario Muchnik, 2002); *A Propósito: Del Recuerdo a la Memoria: 1931- 205* (Taller de Mario Muchnik, 2005); *Editar Guerra y paz* (Taller de Mario Muchnik, 2006); *Ajuste de Cuentos* (El Aleph, 2013) e *Oficio do Editor* (El Aleph, 2011).

O editor iniciou tal dinâmica memorialística na qualidade de editor de outros editores em *Los Diarios (1957-1989)* de Carlos Barral (Anaya & Mario Muchnik 1993), *Giulio Einaudi en Dialogo con Severino Cesari* (Anaya & Mario Muchnik, 1994) e *Editing: Arte de Poner los Puntos Sobre las Íes e Difundirlas*, de Jacobo Muchnik (Taller de Mario Muchnik, 2004). Os dois primeiros foram nos três anos em que o Grupo Anaya comprou a sua editora no esquema de porteira fechada, com Muchnik junto como o editor do selo Anaya-Muchnik. Ao todo são onze livros devotados à produção do que denomino metaedição (quando o livro pensa o universo do livro), onde Muchnik se assume como editor que não prioriza a planilha contábil, mas com papel bem mais específico. “Estas ganas de intervenir en las cosas mediante mis libros – editados o escritos por mi – me ha guiado siempre en la confección de mi programa y en el trazado de mi línea editorial” (MUCHNIK, 2000, 127)¹⁶.

Ao ler estes trabalhos, inevitável lembrar de *Autobiografía de Todo o Mundo*, na qual Gertrude Stein não apenas fala de si, mas da ampla gama de artistas e editores com quem se relacionou ao longo de décadas. Muchnik lembra ou relata o que leu, viu e ouviu do mercado editorial desde o início na Argentina, passando por EUA, Inglaterra, Itália, França, Espanha e Alemanha, ou seja, ao longo de cinquenta anos de trajetória.

¹⁶Essa vontade de intervenir nas coisas através dos meus livros – editados ou escritos por mim – sempre me orientou na elaboração do meu programa e na diagramação da minha linha editorial (Tradução minha).

Especialmente na convivência de seus pares editores nas mais diversas ocasiões, como em anos de participação como expositor na Feira do Livro de Frankfurt.

Obra do Editor

Ao longo de minha pesquisa, uma das minhas satisfações foi a de apresentar obras de Muchnik e de outros editores a Jerusa Pires Ferreira, lembrando que uma das suas prioridades de pesquisas estava justamente história da edição e do livro. De minha base de trabalho, por exemplo, lhe presentear com a edição original italiana de *L'impronta dell'editore* de Roberto Calasso editado por sua própria casa publicadora, Adelphi. Nesta publicação, Calasso (1941-2021) reuniu em nove ensaios e comunicações em torno do ofício de editor feitos entre 1995 e 2001.

No meio editorial, o nome de Calasso confunde-se com o da editora italiana Adelphi. Segundo seu par espanhol e diretor editorial de Anagrama Jorge Herralde, o colega tornou esta editora referência em toda a Europa na construção de um catálogo priorizando qualidade e não quantidade. Desde o renascimento de Nietzsche em 1963 até a maneira como ressuscitou a literatura austro-húngara, tendo Calasso um faro para autores esquecidos e alguns que se tornaram Prêmios Nobel, a exemplo de Elias Canetti, Czesław Miłosz e Joseph Brodski. E a qualidade não impediu este editor de emplacar best-sellers como Milan Kundera, Leonardo Sciascia e Joseph Roth.

Entre outros aspectos, Calasso problematiza a questão da chamada biblioteca universal digitalizada pelo Google. Esta atividade em escala mundial “implica uma hostilidade contra um *modo de conhecimento* e, em segundo plano, modo este estreitamente ligado ao uso do livro”. O que está em jogo é justamente o mito de eliminar a figura do editor ou de qualquer atravessador entre o livro, agora digitalizado, e leitores pelo mundo.

Mas em que medida, questiona Calasso, será o real amadurecimento intelectual que já foi conquistado em mais de cinquenta anos de livro em papel? O editor não é mero atravessador, mas alguém qualificado que pesquisa, lê e peneira publicações não apenas como meio de renda. O que nos leva a um dos momentos talvez mais altos dessa reflexão no ensaio “A edição como gênero literário”, onde pensa a arte de publicar. Ele percorre momentos capitais deste ofício – de Aldo Mâncio a Kurt Wolff – para estabelecer que esta tradição de quatro séculos se define pela “capacidade de dar forma a uma pluralidade de livros como se fossem os capítulos de um livro”. Tal ofício é permeado por paixão em obsessão com a aparência de cada volume. Daí em diante, parte de Claude Lévi-Strauss e expõe como percebeu uma das atividades fundamentais dos seres humanos na

elaboração de mitos, “uma forma particular de bricolagem”. Os mitos são constituídos de elementos já prontos, inclusive de outros mitos.

Calasso estabelece o paralelo ao afirmar que a arte da edição é uma espécie de bricolagem. Todos os elementos de uma editora – títulos, capas, textos de orelha publicidade, tiragem ou diferentes edições do mesmo livro – formarão determinada “paisagem muito singular em si, pertencente a um gênero específico”. Na mesma direção, o editor Muchnik afirmou certa vez ser o catálogo de uma editora a autobiografia do editor, pois é ele quem lê cada livro publicado ou, no caso de indicação editorial, o analisa para ver conformidade em relação à expressão de sua mínima bricolagem.

Em síntese, Calasso estabelece que o catálogo de um editor é uma obra, a sua contribuição para não apenas a discussões e avanços de seu tempo e espaço, mas também projeta-se para o futuro. Esta ideia de catálogo editorial como obra encantou particularmente a Jerusa, vendo aí uma síntese preciosa para pensar o ofício do editor, um dos temas que mais a imantou em décadas de pesquisa. Neste momento, é importante apontar uma das maiores contribuições de Jerusa à memória editorial do Brasil, onde praticamente não se viu esta tradição europeia e norte-americana exercida aqui. É uma inspiração para a minha pesquisa de pós-doutorado: a coleção “Editando o Editor” levada a cabo no Curso de Editoração da ECA/USP e impressa pelo selo Com-Arte.

Nesta série, estão verticalizadas entrevistas com os editores Claudio Giordano, Jorge Zahar, Arlindo Pinto de Souza, Flavio Aderaldo, Ênio Silveira e Jacó Guinsburg, entre outros. Em síntese, veio suprir em parte o grande hiato da ausência de produção memorialística de editores no Brasil, conforme a tradição europeia e norte-americana aludida acima. Jerusa definiu a meta desta iniciativa acadêmica e editorial como:

o desafio de lidar com editores em foco, respeitando-os e procurando demarcar, por meio de algumas opções, o estilo, o perfil, a atuação. Procuramos situar a persona, as personagens e observar a sua inserção na história cultural do nosso país reunindo, sem discriminar, editores de vários tipos. Dos mais preocupados em difundir um pensamento de ponta até aqueles que trataram de editar e vender literatura de folhetos, a de cordel e os textos de manuais populares [...] (PIRES FERREIRA, 2004).

Neste ensaio exemplar, Jerusa explicita passos deste projeto e finaliza justamente da razão de ser deste trabalho: “Em discussão estão também a urdidura do eu-arquivo (conforme Fausto Colombo), a conservação e a recuperação, a luta contra o esquecimento possível, os traços de ligação entre o pessoal e os sistemas sociais da memória.” (PIRES FERREIRA, 2004).

Como dito cima, as memórias de Muchnik são também as memórias de um mundo não morto, mas vivo ainda e em tensão polêmica com a ordem editorial hegemônica que busca apagá-lo. Sobre o *Ofício do Editor*, não à toa este é o título do mais recente livro

de memórias de Muchnik. Não esquecer para perceber como foi feito e como ainda é possível fazer. Como os editores independentes do Brasil e do mundo tentam, com todas as suas limitações e em mercado cada vez mais hostil. Lembrar é resistir e manter estes vitais sistemas sociais de memória. Na finalização de meu pós-doutorado, tive a nítida impressão do quanto Jerusa me inspirou em diálogos por anos e por sua produção em “Editando o Editor”. Ela aferiu vários aspectos do ofício do editor nas entrevistas diretas aos profissionais do ramo. De certa forma, também entrevistei Muchnik e vários colegas seus nesta tradição memorialística da edição e do livro.

Pensando em Mikhail Bakhtin, percorri em meu trabalho uma arena de vozes, incluso no conceito de polifonia, quando uma voz é formada por outras de seu tempo ou anteriores, conscientes ou não, que se constituem em determinado sujeito e em determinado tempo e lugar. Uma voz não emerge na arena de vozes à toa. Como pensou Karl Marx em *Teses sobre Feuerbach* – onde extrai uma suma epistêmica de seu colega filósofo anterior – pontua: quem fala tem sempre interesse. Isto é uma realidade em todos os campos de atuação. Uma voz se projeta, voltando a Bakhtin, não apenas aos seus contemporâneos, mas também para os ouvintes do futuro. Emerge da arena de vozes para contribuir com valores e visões de mundo, no amplo debate em curso contínuo. E Muchnik tinha interesses em sua vasta produção metaeditorial.

Justamente o de contribuir para o esclarecimento do que foi, como está e assim trazer elementos para nós, de seu futuro imediato, permitindo avaliarmos o processo de desgastes da bibliodiversidade, do silenciamento à diversidade avessa à ordem unida de produtos midiáticos. Especialmente na aceleração da era do *streaming* que apenas se inicia e o livro fica cada vez mais periférico na nova indústria cultural ampliada.

Muchnik alerta sobre o valor da memória para contribuir no pensar o presente e o futuro. Ele fala não apenas para os seus pares, os editores independentes, mas a qualquer leitor interessado nestes processos que a todos afetam. E os pesquisadores em ciências da comunicação, acredito, podem alavancar suas reflexões nesta dinâmica de transmídia.

Falando em memória e sentidos, lembramos que no início da pesquisa, lá atrás quando comecei a falar de Muchnik para Jerusa Pires Ferreira. Ela logo viu e demonstrou interesse e a presentei com um exemplar de *Lo Peor no Sonlos Autores*. Não tardou em dar-me retorno: “– Faça um estudo de caso sobre esta e outras obras deste autor em pós-doutorado.” Como em todo o trabalho de pesquisa e avaliação de trajetória, os resultados são sempre provisórios. Pois chego aqui neste ponto diferente de quando comecei. E perceber que este campo de estudos com editores e memorialistas tem muito mais a contribuir. Terminei mais com a homenagem a Jerusa e com muitas dúvidas a serem

estudadas, como ela mesma certa feita sintetizou o rico trabalho da pesquisa e da docência.

Referências

GALLEGO CUIÑAS, Ana. *Cultura Literaria y Políticas de Mercado*. Berlin: Gruyter, 2022.

MEDEIROS, Gutemberg. Ofício: A profissão de editor por Roberto Calasso. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 nov. 2020, p. H9.

MUCHNIK, Mario. *Banco de Pruebas: Memorias de Trabajo (1949-1999)*. Madrid: Taller de Mario Muchnik, 2000.

PIRES FERREIRA, Jerusa. Por uma memória do livro, da vida e do ofício: O projeto *Editando o Editor – Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial*. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004 Disponível em: <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/jerusapires.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2021.

SOBRE O AUTOR:

Gutemberg Medeiros é Jornalista, mestre, doutor e pós-doutor pela Escola de Comunicações e Artes da USP e professor no Departamento de Jornalismo da Universidade Estadual de Londrina.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3313-9319>

Recebido: 17/03/22

Aceito: 02/05/22